

PALAVRAS QUE ABRAÇAM, ESPELHOS QUEBRADOS, VERDADES COSTURADAS: UM OLHAR SOBRE COISA DE VIADO

Moisés Llopis¹

Universidad de Chile: <https://orcid.org/0000-0001-8585-0650>

DOI: [10.21680/1982-1662.2025v8n42ID40504](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2025v8n42ID40504)

Resenha: DE CARVALHO LIMA, Samuel. *Coisa de viado*. 1 ed. Camaçari: Arpillera Editora, 2025.

Em um Brasil que murmura e silencia, *Coisa de viado*, de Samuel de Carvalho Lima, emerge como um relato que dança entre o estigma e a autoafirmação. Esta obra, publicada pela editora artesanal Arpillera, é um artefato vivo, um espelho quebrado que reflete fragmentos de uma existência *queer*, costurada com fios de memória, violência, desejo e dúvidas. Como aponta Rafael Lira no prefácio, o livro é “um diálogo (mesmo com um nó na garganta) em resposta às experiências vivenciadas pelo autor-personagem em sua trajetória estudantil” (Lima, 2025, p. 7). Mais que um testemunho pessoal, a obra se ergue como um mapa coletivo das tensões que habitam corpos dissidentes, revelando tanto a coragem de um homem que se nomeia quanto às contradições de uma sociedade que hesita em abraçar a diferença.

Contexto e proposta temática

Samuel de Carvalho Lima, acadêmico e professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, aporta a *Coisa de viado* uma voz que combina a erudição de sua formação linguística e educacional com a vulnerabilidade de quem narra a partir da experiência vivida. A obra se inscreve em um momento de crescente visibilidade das narrativas *queer* na literatura latino-americana, como um exemplo de construção da

¹ E-mail: moisesllopis@uchile.cl

identidade desde uma perspectiva lírica, mas precisa. De fato, a abordagem adotada por Lima, entre o narrativo e o analítico, deixa pouco espaço, apenas o necessário, para a emocionalidade.

O título, *Coisa de viado*, é em si mesmo um ato de reapropriação. A expressão, carregada de conotações pejorativas no português brasileiro, é resignificada por Lima como um espaço de resistência e autoafirmação. Essa escolha reflete uma estratégia discursiva que remete às reflexões de Judith Butler (1990) sobre a performatividade da linguagem: o insulto, ao ser reclamado, transforma-se em um veículo de empoderamento. Ao longo do livro, Lima desconstrói os estigmas associados à homossexualidade e explora, pelos olhos de uma criança, como as normas sociais e as expectativas de gênero moldam a percepção de si mesmo e dos outros.

Estrutura e estilo

A estrutura de *Coisa de viado* (2025) é fragmentária e composta por sete crônicas, onde cada uma corresponde a um ano escolar, da quinta série ao terceiro ano de ensino médio. O leitor, assim, acompanha o autor-personagem ano a ano, crônica a crônica, na construção e aceitação da identidade dele, desenhada a partir do medo, da vergonha, da asfixia emocional, da opressão ou da impotência, até chegar a uma fase de felicidade e libertação que coincide com o fim da etapa escolar. Cada crônica funciona como um mosaico que entrelaça memórias de humilhação, como as risadas dos agressores em *Robocop gay*, com momentos de autoafirmação, como o brilho do penteado do personagem em *Luzes*.

Nesse sentido, *Coisa de viado* é, de certa forma, uma homenagem às formas de dizer o que nunca pode ser dito, ao que não sabemos, ao que não se conta (mas se sente e se sabe). Ao que ninguém nunca deu espaço para dizer. Essa forma, em parte, híbrida, ambivalente, permite a Lima abordar a temática por múltiplos ângulos e evoca um estado de transformação constante. Assim, em cada crônica, as memórias particulares se entrelaçam com um convite à reflexão que não deixa ninguém indiferente. Sob essa perspectiva, o estilo de Lima é notável por sua capacidade de equilibrar a formalidade literária com uma intimidade que beira o confessional. Sua prosa é precisa, mas não excessivamente lírica, especialmente quando descreve

momentos de introspecção ou encontros afetivos. Ao contrário, o autor-personagem é alguém que parece revisitar, também, esses momentos como pedaços quebrados de uma vivência que amarga. Como os versos do *Manifiesto* (1997) do autor chileno Pedro Lemebel, quando diz: “Tem que ser ácido pra aguentar / É dar um rodeio nos machinhos da esquina / É um pai que te odeia / Porque o filho entorta a patinha”² (Lemebel, 1997, p. 85). O autor-personagem de *Coisa de viado* (2025) é objeto (e alvo) de canções, humilhações, ameaças, insultos, opressões de todo tipo, sentimentos angustiantes. E só no final é capaz de se construir, se reconstruir, e o vemos voar, com essa “asinha quebrada”³ lemebeliana. O caminho rumo ao céu (metafórico, felizmente), em *Coisa de viado*, é observado através do cabelo: em *Robocop gay*, o personagem, inseguro, acha que “meu cabelo não é feio” (Lima, 2025, p. 15). Em *Luzes*, a crônica que fecha o livro, o personagem já se sente “diferente” e “foi por isso que resolvi fazer luzes no cabelo” (Lima, 2025, p. 42). A luz da última crônica, vívida, contrasta fortemente com a luz da manhã, tênue, suave, com a qual intuímos que se inicia a primeira crônica. Essa progressão, da sombra à luz, reflete a transformação do personagem.

Aportes e relevância

Coisa de viado (2025) se posiciona como uma contribuição significativa à literatura brasileira contemporânea porque se alinha à tradição de autores como Lima Barreto e Clarice Lispector, que utilizam a narrativa para questionar estruturas de poder e dar voz às experiências marginalizadas. Ao centrar a interseção entre identidade *queer* e o contexto educacional brasileiro, Lima enriquece o debate sobre a construção de identidades no século XXI, o que faz dialogar com proposições sobre o papel dos discursos culturais na formação identitária. A obra destaca a escola como um espaço ambíguo, capaz de perpetuar heteronormativas ou de se tornar um palco para a resistência, oferecendo assim também uma crítica situada que humaniza teorias abstratas.

² No original, em espanhol: “Hay que ser ácido para soportarlo / Es darle un rodeo a los machitos de la esquina / Es un padre que te odia / Porque al hijo se le dobla la patita” (trad. própria).

³ No original, em espanhol: “alita rota” (trad. própria).

Além disso, o livro se insere no campo dos estudos *queer* ao explorar a performatividade da identidade em um contexto marcado por violências estruturais. A reapropriação do termo “viado” por Lima não é apenas um gesto literário, mas uma intervenção política que ressoa com as ideias de Preciado (2008) sobre a ressignificação de corpos dissidentes como ato de subversão. Essa abordagem permite à obra transcender o testemunho individual e faz ela se posicionar como um texto que desafia as narrativas dominantes sobre gênero e sexualidade no Brasil. A escolha de narrar a partir do ambiente escolar, muitas vezes negligenciado como espaço de formação identitária, amplia a relevância do livro, pois expõe como as microviolências cotidianas — olhares, risadas, silêncios cúmplices — moldam subjetividades.

A perspectiva de Lima como especialista em educação agrega uma camada adicional de profundidade, ao propor a educação como um campo de disputa e transformação. Nesse sentido, a obra se alinha às reflexões de Paulo Freire (1996) sobre a educação como prática de liberdade e sugere que espaços pedagógicos podem ser reconfigurados para acolher a diversidade em vez de reforçar exclusões. Ao narrar a trajetória desse autor-personagem, Lima não apenas está denunciando a opressão, mas também aponta caminhos para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos, onde a diferença seja celebrada, não castigada. Essa dimensão prática faz de *Coisa de viado* (2025) um texto de interesse não apenas para a literatura, mas também para os campos da pedagogia e dos estudos de gênero.

Sob uma lente comparativa, a obra dialoga com outras narrativas *queer* latino-americanas, como as do chileno Pedro Lemebel e do cubano Reinaldo Arenas, que também transformaram a marginalidade em potência criativa. Contudo, a especificidade do contexto brasileiro, com sua complexa intersecção de raça, classe e gênero, confere ao texto de Lima uma voz única. Ao abordar a homofobia no ambiente escolar, o livro contribui para preencher uma lacuna na literatura brasileira, que muitas vezes privilegia narrativas urbanas adultas em detrimento das experiências de juventude em contextos educacionais. Assim, *Coisa de viado* (2025) não apenas documenta uma trajetória individual, mas também cartografa as tensões

de uma sociedade em transformação e oferece um convite à reflexão sobre como as instituições podem se tornar aliadas na luta por equidade.

Uma nota reflexiva

Ler *Coisa de viado* (2025) é um exercício de reconhecimento, um encontro com uma voz que ressoa nas profundezas da alma, onde guardamos verdades frágeis e lutas silenciadas. Para quem navega as águas turbulentas da identidade, Lima é um farol que ilumina sem prometer segurança, mas com honestidade. Sua disposição de expor feridas sem vitimismo, como um arqueólogo que trata cicatrizes como testemunhos, é profundamente humana. Suas palavras evocam Oliveira Silveira (2022), que em sua poesia fala de “minhas origens” como portadoras de uma verdade eterna: “Encontrei minhas origens / em velhos arquivos / livros” (Silveira, 2022, p. 136). Lima, porém, busca as suas nos silêncios de uma infância difícil, nos murmúrios do desejo e nos sussurros libertadores de quem ousa ser. Ao nomear-se “viado” com desafio e ternura, o autor-personagem não só se emancipa, mas traça um caminho para outros, em um ato universal de pertencimento. Esse ato de nomear, executado com a coragem de quem olhou para o abismo e escolheu voltar com uma história para contar, é muito mais que pessoal: é um convite universal, uma ponte esticada para todos aqueles que, nas margens de seus próprios mundos, ainda buscam as palavras para se definir, independentemente da língua de origem, porque o sentimento de pertencimento é universal, primitivo. Lima nos lembra que se reconhecer na própria verdade, por mais dolorosa, marginal ou incompreendida que seja, é o primeiro passo rumo à liberdade, rumo a um mundo onde os nomes não sejam armas, mas abraços.

Conclusão

Coisa de viado (2025) é uma obra corajosa e comovente, um farol literário que ilumina com igual intensidade os territórios da reflexão e os caminhos íntimos da narrativa pessoal. Samuel de Carvalho Lima, com uma prosa que entrelaça precisão acadêmica e lirismo visceral, cria um texto que desafia qualquer tentativa de enquadramento: é um testemunho vivo que expõe as cicatrizes, os anseios e as vitórias silenciosas de uma existência; é um manifesto audaz que reclama o direito de

se nomear e existir sem pedir permissão; e é, acima de tudo, um convite generoso ao diálogo, um chamado a repensar a identidade, o pertencimento e as feridas ainda pulsantes no tecido social do Brasil contemporâneo. Desafiando normas heteronormativas, o livro transforma dor em resistência, silêncio em voz e marginalização em possibilidade. Nomear o inominável, erguer a palavra “viado” em um mundo que castiga a diferença, é um ato de amor radical, uma ponte para quem busca coragem. *Coisa de viado* (2025) não se lê apenas; se sente, se carrega na pele e ressoa como um eco transformador, decifrando as complexidades de si e do mundo.

Referências

AUGUSTO, Ronald. (org.). **Obra reunida. Oliveira Silveira**. 1. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2012.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEMEBEL, Pedro. Manifiesto (hablo por mi diferencia). *In*: LEMEBEL, Pedro. **Loco afán: crónicas de sidario**. Santiago: LOM Ediciones, 1997. p. 83-90.

LIMA, Samuel de Carvalho. **Coisa de viado**. Camaçari: Arpillera Editora, 2025.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexe, drogue et biopolitique**. Paris: Grasset, 2008.

Recebido: 15 jun 2025

Aceito: 23 jun 2025